RASURAS E EXPERIMENTAÇÕES APONTAMENTOS SOBRE *IMAGEM-CIDADE-EXPERIÊNCIA*[1]

RATURES ET EXPÉRIMENTÉ: NOTES SUR IMAGE-VILLE-EXPÉRIENCE

ERASURES AND TRIALS: NOTES ON IMAGE-CITY-EXPERIENCE

Antonio Carlos Queiroz Filho
Doutor em Geografia
Professor da Universidade
Federal do Espírito Santo - UFES.
queiroz.ufes@gmail.com

Hadassa Pimentel Damiani
Mestranda em Geografia pela Universidade
Federal do Espírito Santo - UFES.
dassageo@gmail.com

Rafael Fafá Borges
Graduando em Geografia
Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade
Federal do Espírito Santo - UFES. *rafaelfafaborges@gmail.com*

Resumo: Este artigo trata das reflexões sobre a estética da experiência sensível sobre as principais características que têm definido a vida urbana contemporânea. Descrevemos o percurso de duas pesquisas que tomaram a imagem da cidade e as narrativas urbanas como suporte para o diagnóstico, análise e tensionamento do pensamento espacial ora estabelecido. Amparados e inspirados por aproximações entre a poesia e a arte propusemos e experimentamos outras maneiras de grafar o pensamento espacial contemporâneo, sem a pretensão, com isso, de pautar um modelo representativo e reprodutivo a ser seguido. Preferimos os apontamentos e o devir, grafias apenas.

Palavras-chave: imagem – cidade – experiência

Résumé: Cet article traite des réflexions sur l'expérience des sens esthétiques sur les principales caractéristiques qui ont défini la vie urbaine contemporaine. Nous partageons deux recherches qui ont eu l'image de la ville et urbaines récits que le soutien pour le diagnostic et l'analyse de la pensée spatiale. Soutenu et inspiré par la poésie et de l'art, nous avons proposé et expérimenté d'autres façons d'écrire une pensée spatiale contemporaine, sans avoir l'intention de composer un modèle représentatif à suivre.

[1] Este texto integra o Projeto "Geografia e Imagens: narrativas e novas políticas na cidade contemporânea", financiado pela FAPES no Edital CNPq/FAPES N. 02/2011 – PPP, compondo o Projeto Rede **Imagens, Geografias e Educação**, Processo CNPq 477376/2011-8.

Mots-clés: image – ville – expérience

Abstract: This article deals with reflections on the aesthetic sense experience on the main characteristics that have defined contemporary urban life. We share two researches that took the image of the city and urban narratives as support for diagnosing and analyzing of spatial thinking. Supported and inspired by poetry and art, we have proposed and experimented other ways to write a spatial thinking contemporary, without intending to compose a representative model to be followed.

Keywords: image – city – experience

CONTEXTO E PROBLEMÁTICA

Na contemporaneidade, diversos estudiosos continuam um esforço, que se evidenciou nos séculos XIX e XX, de crítica à ideia de história unitária. De Walter Benjamim, passando por Nietzsche, além de Deleuze e Guattari, um conjunto de filósofos, historiadores, artistas, geógrafos, dentre outros, estão a nos propor hoje um "ideal de emancipação", que seria, nos termos de Vattimo, "a oscilação, a pluralidade e, por fim, o desgaste do próprio 'princípio de realidade'" (VATTIMO, 1992, p. 13). Realidade, portanto, deixa de ser algo a ser descortinado, descoberto, como se estivesse lá longe, guardada e esperando passivamente a retirada dos véus. Para muitos, a diluição deste princípio é motivo de desespero. Para outros...

Agora que já não podemos crer no que acreditávamos nem dizer o que dizíamos, agora que nossos saberes não se sustentam sobre a realidade nem nossas palavras sobre a verdade, talvez seja a hora de aprender um novo tipo de honestidade: o tipo de honestidade que se exige para habitar com a maior dignidade possível um mundo caracterizado pelo caráter plural da verdade, pelo caráter construído da realidade e pelo caráter poético e político da linguagem (LARROSA, 2010, p. 164).

Nosso gesto de "honestidade", com o qual almejamos estabelelcler um plano de referência para podermos habitar o mundo, parte da força poética e política da linguagem em relação ao mundo em que vivemos, consiste em refletir sobre essa relação tomando o aspecto plural da urdidura imagem, cidade e experiência. Lidamos com o contexto em que uma "grande narrativa" (LYOTARD, 1993) é evidenciada nos dizendo em tom afirmativo o que são: Imagem, Cidade, Experiência e, principalmente, as relações que podemos fazer entre elas, se constituindo naquilo que Gianni Vattimo denomina de "realidade unitária, sólida e estável" (VATTIMO, 1992) [2].

Nosso ponto de partida diz respeito ao diagnóstico e análise do processo de produção de uma "imaginação espacial" (MASSEY, 2008), a partir da configuração relacional existente entre um conjunto de imagens que se traduzem numa correspondente experiência sensível e estética sobre as principais características que têm definido a vida urbana contemporânea.

[2] Ver também artigo de Queiroz Filho (2010).

CIDADE E EXPERIÊNCIA

A cidade como um território que todos defendiam em conjunto é algo pouco palpável nos dias em que a pauta é a do individualismo, da velocidade dos acontecimentos, do excesso de informação, do automatismo humano, entre outras ações que permeiam a nossa vida contemporânea. Jacques Le Goff, no livro "Por Amor às Cidades", questiona: "Em que sentido a cidade é sinônimo de sociabilidade, embora tenha se tornado sinônimo de individualismo e anonimato?" (LE GOFF, 1998, p. 119). Em diálogo com Bauman e Le Goff, podemos nos perguntar: para onde foram os autores da vida urbana contemporânea? Como deixar de ser um "subproduto"?

> Paz para mim e guerra para vocês
> (...)
> O desejo sempre se parece o mesmo Massificado ou customizado
> Vanguarda exigente Mercado especial
> Leve a cópia como se fosse original
> (...)
> Subproduto do subproduto
> De todo conceito que cria a cultura
> Do subproduto da massa ou da elite
> O que somos nós?
> De toda histeria de estar inserido
> Mesmo outsider ou très important
> No final das contas quem come a bosta de quem?
> Cientistas criando novas soluções
> Artistas sendo originais
> Médicos fazendo pílulas legais.
> Escolha! Escolha![3]

A letra da música da banda Dead Fish nos afeta e força a pensar sobre o que nos tornamos nesse mundo da espetacularização mercadológica. Encontramo-nos desorientados nessa espacialidade urbana e consumista, mergulhados em meio a milhares de apelos propagandistas que nos chega a cada momento e situação; são fatos, dados, informações de todo o tipo. Larrosa resume muito bem a nossa sociedade contemporânea - sempre atrás de mais informação – e nos define como "sujeitos da informação". Ele explica que:

> O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado"), o que consegue é que nada lhe aconteça (LARROSA, 2002, p. 22).

[3] Trecho da letra **Subprodutos**, música da banda de hardcore *Dead Fish*. Encontra-se no disco *Contra Todos*, lançado em 2009 pela gravadora independente Deckdisc.

Esse "nada lhe aconteça" é fruto de uma vida repetida na qual as pessoas não reparam mais em algumas ações. Não temos a consciência de que somos um corpo que habita a cidade: simplesmente caminhamos, corremos, esbarramos uns nos outros, temos pressa, disputamos por um lugar na fila do terminal de ônibus. A paisagem sonora da cidade também mudou. Praticamente ouvimos apenas buzinas, sirenes, gritos, multidões alvoroçadas.

Há, porém, um elemento peculiar em todas essas ações: fazemos isso como se fossemos robôs programados. Movimentos codificados e, ao mesmo tempo, naturalizados. Esse automatismo nos impede de viver a experiencia citadina na definição larrosiana do termo. Há uma distinção clara aqui entre o saber informacional e o saber da experiência, entre uma vida urbana funcionalista e uma "cidade polifônica".

A ideia da polifonia nos chegou por meio do livro que leva o mesmo nome: "A Cidade Polifônica", de Massimo Canevacci. A premissa fundamental dessa concepção como método de análise é a do olhar obliquamente o superconhecido (CANEVACCI, 2004) e, para isso, o autor nos sugere experienciar a cidade como se fôssemos sempre estrangeiros, mas não o *estrangeiro-turista-consumidor-de-paisagens* e sim, como um espectador que dá vida a cidade, que a coloca em movimento. Como nos explica Canevacci,

> [...] a tarefa do observador é tentar compreender os discursos "bloqueados" nas estruturas arquitetônicas, mas vívidos pela mobilidade das percepções que envolvem numa interação inquieta os vários espectadores com os diferentes papéis que desempenham. Espectadores que, por sua vez, ao observarem por meio de sua própria bagagem experimental e teórica, agem sobre as estruturas arquitetônicas aparentemente imóveis, animando-as e mandando-lhe os signos e o valor no tempo e também no espaço (CANEVACCI, 2004, p. 22).

Identificamos a existência de uma sintonia, uma coerência, uma simbiose entre a nossa vida na cidade contemporânea (domesticada, automatizada, normalizada, robotizada, mecanizada, insensibilizada) e uma forma urbana que alimenta e também expressa essa vida. Kevin Lynch, no livro "A Imagem da Cidade", fala dessa relação quando trata do *skyline* de Manhattan com seu conjunto de simbologias e afirma ser impossível analisá-lo separado de sua forma, de seu *design* urbano (LYNCH, 2010).

Nosso propósito foi, num primeiro momento, identificar essas formas urbanas automatizadas e automatizantes e suas imagens ícones correspondentes. Essa é a etapa analítica a qual denominamos de "diagnóstico" do pensamento hegemônico. Após isso, tensionamos o imaginação espacial estabelecida por meio dos pressupostos do pensamento menor deleuze-guattariano, o que se constitui como a segunda etapa do processo da pesquisa. Em seguida, entramos na fase das "experimentações", que são tentativas de realizar grafias desterritorializantes e rasurantes do pensamento hegemônico, a partir dele mesmo, delineando o pensamento menor a partir de "inspirações", principalmente a poesia e na arte, como formas com as quais podemos brincar com a grafia da imaginação espacial (ver figura abaixo).

Imagem I - Ilustração do Percurso Analítico da Pesquisa



Fonte: Do autor.

As grandes metrópoles, por assim dizer, são os locais por excelência para a nossa observação. Elas reforçam de forma substancial o argumento de Bauman (1999, 2001, 2007, 2008) quando afirma que vivemos hoje em "tempos líquidos", tempos que colocam em cheque as grandes estruturas formadoras de padrões de rotina, de pensamento e ação.

Utilizamos como fonte para coletar essas imagens o serviço de pesquisa do "Google Imagens". O princípio de funcionamento dos motores de busca da internet é baseado na ideia da ordenação por relevância, a qual é medida por meio de diversos critérios, dentre eles temos a "frequência de termo", ou seja, a quantidade da repetição de uma palavra no texto, além do "*pagerank*", o "*tf-idf*", dentre outros, mas que, de um modo geral, organizam as informações disponíveis na web pela frequência de uso, ou seja, aparece primeiro na lista a página quem tem mais "votos"[4].

Por meio desse princípio entendemos que as imagens que se repetem sobre um dado termo traduzem a imaginação e o pensamento hegemônico sobre esse mesmo termo, bem como, sua configuração em forma visual. A partir disso, nos permitimos questionar: temos promovido uma efetiva "comunicação urbana"? Canevacci, quando nos diz que "um edifício 'se comunica' por meio de muitas linguagens, não somente com o observador, mas principalmente com a própria cidade na sua complexidade" (CANEVACCI, 2004, p. 22), nos incita a seguinte provocação: como a vida nas cidades contemporâneas tem se expressado para além do pensamento repetido, reducionista e padronizado?

[4] *Pagerank*, ou PageRank, são algoritmos de análise de rede, estabelece pesos numéricos e quantificáveis para elementos em contato e relações, como na internet. O mesmo se dá com *tf-idf*, ou seja, referência numérica para calcular a frequência de termos (tf) no contexto de documentos relacionados em rede (idf). Essas ferramentas e algoritmos permitem calcular a incidência de termos e informações no meio interligado e complexo de dados e mensagens, para tal, o voto dos usuários torna-se necessário. "Um voto é um *link* em qualquer lugar da Internet para aquela página. Votos de páginas mais importantes valem mais do que votos de páginas menos importantes". Cf.: http://pt.wikipedia.org/wiki/PageRank

A seguir, apresentamos os movimentos iniciais de duas pesquisas as quais lidam diretamente com essas questões. A primeira delas toma as *formas* urbanas como preocupação para pensar a vida nas cidades. A outra pesquisa analisa o próprio ato da *convivência*, dos fluxos e das nossas ações no cotidiano dessa mesma cidade.

PESQUISA 1: RASURAS NA *FORMA* URBANA

Apresentaremos agora as "inspirações" as quais nos referimos na *Imagem I*. É importante destacar que estas não são modelos pré-prontos os quais reproduzimos ou aplicamos em nossas realidades próximas. Trataremos aqui do *Street Art* e do *The Fun Theory* como iniciativas que nos mobilizam pensamento, imaginação e a possibilidade do devir como forma de experimentar o mundo em que habitamos. "Nós declaramos o mundo como nossa tela" é o subtítulo do "*Street Art Utopia*", repositório que guarda as iniciativas de intervenção artística realizadas por artistas e coletivos no mundo todo. Essas intervenções delineiam novas paisagens urbanas, alteradas por meio daquilo que se denomina por arte-ativismo. Nosso propósito inicial consistiu em analisar as imagens (fotografias e vídeos) dispostas na rede mundial de computadores sobre as práticas de arte-ativismo urbano (*street art*) que tomam as principais cidades do mundo como seus cenários e tensionam a vida urbana padronizada. Selecionamos imagens que "aproveitam" a forma e a vida urbana, não como uma superfície simplesmente, mas que a desterritorialize no intuito de nos chamar atenção para a normatização como algo institucionalmente, culturalmente e politicamente fabricado, desnaturalizando assim a ideia de que agimos e pensamos a e na cidade simplesmente por que "é assim".

A cidade, nesse sentido, deixa de ser, para a Geografia, um suporte no qual as coisas acontecem. O verbo mudou: do "produzir" para o "pensar". E pensar a cidade implica dizer, em grande medida, que não somos mais meros observadores da cidade-palco. Somos, da cidade, parte indissociável. Somos vozes, olhos, bocas, palavras, desejos, pensamentos... A cidade é um ambiente mutável, "polifônico" (CANEVACCI, 2004).

É essa polifonia que nos interessa: o jogo relacional existente entre as muitas imagens individuais, fruto das experiências singulares de cada indivíduo, com as imagens públicas, coletivas, iconográficas, que tentam se estabelecer na forma de homogeneização da experiência metropolitana e, consequentemente, eliminando do seu planejamento, o sentido e as relações de significado, que transformem esse viver a cidade em algo "notável e inconfundível" (LYNCH, 2010).

O que desejamos através deste viver a cidade é tornar "nossas imagens compatíveis com nossas experiências" (LYNCH, 2010, p.125) por meio da participação ativa dos habitantes que compõe essa cidade-lugar. Lugares urbanos esquecidos, mal cuidados, degradados, são telas em branco para o movimento *Street Art Utopia*.

Vivemos o frenesi das megas construções, onde a engenharia, a cada dia, inventa novas maneiras de levantar prédios cada vez mais altos e de vários formatos, articulando impacto visual e funcionalidade. Mas a vida urbana não se resume a formas e contornos. O Urbanista

Jan Gehl, em seu livro *Cities For People* (2009) critica a determinação dos contornos urbanos pelos automóveis e defende a ideia de que devemos valorizar espaços menores, praças e fachadas com detalhes onde as pessoas possam observar quando andam a pé.

Manoel de Barros diz que "a importância de uma coisa não se mede com fita métrica, nem com balanças, nem barômetros, etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós" (BARROS, 2010a, p. 109). Diferente de Jan Gehl e Manoel de Barros, com a cidade pensada para os automóveis (ou qualquer outra forma de exclusivismo), as "localidades estão perdendo a capacidade de gerar e negociar sentidos" (BAUMAN, 1999, p. 08).

A série de imagens que apresentaremos a seguir refere-se às duas primeiras etapas da pesquisa, já descrita anteriormente, que são: a) Diagnóstico, na qual identificamos qual a estética e a grafia visual dos emblemas codificadores do viver citadino contemporâneo; e b) Tensionamento, onde nos perguntamos em cada uma dessas imagens, quais sentidos e sensibilidades são mobilizados encantamentos, imaginação, memórias. Poesia? Sim, poesia... e outras conexões possíveis: rasuras no pensamento hegemônico sobre as grandes marcas do viver citadino contemporâneo: individualismo, impessoalidade, insegurança, velocidade/pressa, padronizações e automatismos de todos os tipos. Intercalado por imagens poéticas, temos um conjunto de imagens-ícones e suas imagens-rasurantes correspondentes.

Imagem II - Montagem de Imagens sobre Individualismo



Fonte: Google imagens : https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi

Imagem III - *Street Art* em Olsztyn, Polônia



Fonte: Adam Lokuciejewski: http://www.streetartutopia.com/?p=9378

Imagem IV - Montagem de imagens sobre "impessoalidade", "impessoalidade e arte" e **"**impessoalidade e cidade"



Fonte: Pesquisa no Google Imagens: https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi

Imagem V - Street Art Utopia



Fonte: http://migre.me/bgbr7

Imagem VI - Montagem de imagens sobre "pressa" e "velocidade"



Fonte: Pesquisa no Google Imagens: https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi

Imagem VII - Street Art em Londres



Fonte: Banksy: http://www.streetartutopia.com/?attachment_id=6224

Imagem VIII - Montagem de imagens sobre "insegurança"



Fonte: Pesquisa no Google Imagens: https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi

Imagem IX - Street Art em Londres



Fonte: Banksy: http://burn.com.br/magazine/6/881-Banksy-ataca-novamente.html

Imagem X - Olhar em Deriva



Fonte: Pesquisa Google Imagens

Por viver muitos anos dentro do mato
Modo ave
O menino pegou um olhar de pássaro –
Contraiu visão fantona.
Por forma que ele enxergava as coisas por igual
como os pássaros enxergam.
As coisas todas inominadas.
Água não era ainda a palavra água.
Pedra não era ainda a palavra pedra.
E tal.
As palavras eram livres de gramática e
podiam ficar em qualquer posição.
Por forma que o menino podia inaugurar.
Podia dar às pedras costumes de flor.
Podia dar ao canto formato de sol.
E, se quisesse caber em uma abelha, era
só abrir a palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua (BARROS, 2010b, p. 425)

Imagem XI - Vida em Deriva



Fonte: Pesquisa *Google Imagens*

> Possuo tanto melhor o mundo quanto mais hábil for em miniaturizá-lo. Mas, fazendo isso, é preciso compreender que na miniatura os valores se condensam e se enriquecem. Não basta uma dialética platônica do grande e do pequeno para conhecer as virtudes dinâmicas da miniatura. É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno (BACHELARD, 1993, p. 159).

PESQUISA 2: RASURAS NA *CONVIVÊNCIA* URBANA

A cidade moderna é planejada e organizada sob os alicerces da funcionalidade. Os lugares são construídos para desempenharem uma função lógica e racional, onde cada coisa tem um lugar determinado para acontecer (o lugar do trabalho, do divertimento, do aprendizado).

Não é preciso andar muito para reparar na quantidade de placas de orientação, nos sinais de trânsito, nas bases cartográficas digitais utilizadas nos carros, pelos guardas de trânsito, nos telefones celulares. O movimento predominante do planejamento promove uma diminuição dos vínculos afetivos em virtude de um "não lugar" e, por consequência, afeta, como comenta Marandola Jr e Mello:

> [...] a organização da cidade, a identidade e o bem-estar da população, permite a produção e a reprodução da cidade à revelia do grande capital, descaracteriza as cidades e dota-as de lugares inautênticos e consequentemente, diminui a mobilização da população que sem relação afetiva autentica com estes espaços, não se sente ligada ou responsável por eles. (MARANDOLA JR, MELLO, 2009, p. 06)

Essa falta de mobilização provoca uma erosão política, no sentido da emancipação popular e do engajamento com aquilo que é comum e que deveria ser cuidado por todos. Além disso, diminui as condições para a consolidação de uma cidade mais comunicável (CANEVACCI, 2004). Desde Lynch (A Imagem da Cidade) à Canevacci (A Cidade Polifônica) nossa proposta é refletir sobre a cidade contemporânea.

Tomamos como percurso metodológico conceitual, a "Teoria da Deriva", de Guy Debord (1997) e a teoria dos "Não Lugares", de Marc Augé (2001) e as reflexões sobre a vida e a "modernidade líquida", de Zygmunt Bauman, como forma de experienciar a cidade, bem como, as narrativas poético-visuais como meios de traduzir essas experiências, produzindo rasuras e desterritorializações (DELEUZE, GUATTARI, 2003) nas funcionalidades e geometrias urbanas reivindicadas pelas concepções de cidade como não lugar.

Assumimos como deriva qualquer tipo de movimento ou de intervenção que, deliberadamente, interrompa ou chame atenção para o automatismo que define nossas ações, principalmente, nos percursos que realizamos diariamente no lugar em que vivemos. Apresentaremos agora outra de nossas inspirações. Assim temos *The Fun Theory* (A Teoria da Diversão). Este é um projeto de iniciativa da empresa *Volkswagen* cujo objetivo é fazer, a partir de algo simples e divertido, alguma mudança no comportamento das pessoas e na sua relação com a cidade. Sem entrarmos no mérito do modelo ali veiculado do que seria o "bom comportamento", o que nos interessa nessa prática realizada por eles, é o fato da mu-

dança de hábitos que normalmente fazemos automaticamente ou, simplesmente, por algum tipo de normatização.

Isso é o que nos serve de inspiração: tudo aquilo que nos tire do automatismo de nossas ações. Uma dessas invenções, chamada *The Speed Camera Lottery,* foi implantada na cidade de Estocolmo, na Suécia. No site oficial do projeto[5] estão disponíveis os vídeos de todas essas iniciativas, como por exemplo, o *Bottle Bank Arcade Machine* e o *Piano Stairs*, dentre outros.

Imagem XII - Bottle Bank Arcade Machine



Fonte: http://www.thefuntheory.com

A ideia de transformar a coleta seletiva de lixo numa espécie de caça-níqueis é uma tentativa de responder a premissa do projeto: mudar hábitos por meio da diversão. O vídeo (imagem XI) começa com a seguinte questão: "*Can we get more people to use the bottle bank by making it fun to do?*"[6] Para isso, os responsáveis pelo projeto transformaram uma caixa coletora de garrafas numa espécie de máquina de jogo, com seis orifícios superiores. Conforme a luz acende em um orifício, deve-se colocar nele a garrafa, quem deposita no bocal correto, soma pontos. O local em que a caixa se encontra é de grande circulação de pessoas e logo elas começam a brincadeira. As pessoas juntam suas garrafas, chamam seus amigos e gastam um bom tempo com aquele momento. O projeto constatou que, apenas em uma noite, o coletor recebeu quase 100 garrafas e no período de seu funcionamento, os coletores normais próximos a ele dobraram a quantidade de garrafas depositadas.

[5] Cf.: http://www.thefuntheory.com

[6] Como podemos ter mais pessoas a utilizar o coletor de garrafas, fazendo isso mais divertido?

Imagem XIII - *Piano Stairs* – antes de instalarem a "brincadeira"



Fonte: http://www.thefuntheory.com

Visando chamar a atenção para o nosso hábito já tão naturalizado quanto ao uso de escadas fixas ao invés das rolantes, os responsáveis pelo projeto *The Fun Theory* fizeram uma instalação numa estação de metro. O vídeo do referido projeto (imagens XIII e XIV) começa com a seguinte pergunta: "*Can we get more people to choose the stairs by making it fun to do?*"[7]. A resposta para tal questionamento constou de transformarem os degraus de uma escada fixa em teclas grandes de piano, quando a pessoa subia seus degraus, emitiam-se sons na mesma escala do instrumento. O resultado: um aumento de 66% na quantidade de pessoas que escolheram subir pela escada fixa ou invés da rolante, pois eram estimuladas pela emissão de sons e brincavam com a reprodução de músicas enquanto subiam os degraus musicais

Imagem XIV - *Piano Stairs* – substituindo a escada rolante

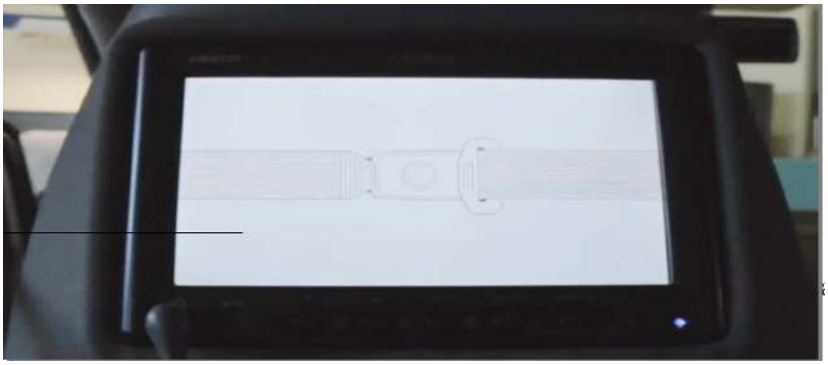


Fonte: http://www.thefuntheory.com

[7] Como podemos fazer que mais pessoas escolham subir as escadas, fazendo isso mais divertido?

"Can we ensure everyone keeps their safety belt on by making it fun to do?"[8] Para isso a Volkswagen desenvolveu um computador de bordo onde o objetivo é fazer com que as crianças utilizem o cinto de segurança para terem acesso aos diversos aplicativos e jogos eletrônicos.

Imagem XVI - *The Play Belt*



Fonte: http://www.thefuntheory.com

No vídeo referente a imagem XVI, um especialista em psicologia afirma que a ideia é basicamente fazer com que as crianças entendam que só terão acesso à diversão depois de cumprirem sua obrigação. Quando entram no carro, as crianças que sentam no banco de trás ligam o computador e visualizam uma explicação de como usar o cinto de segurança e somente após isso tem acesso aos aplicativos. Essa ideia está sendo testada pela empresa de veículos para tornar-se uma produção em série.

Jogar o lixo no lixo ao invés de no chão não deve realmente ser tão difícil, porém, muitas pessoas, ainda não conseguem fazê-lo. "C*an we get more people to throw rubbish into the bin, rather than onto the ground, by making it fun to do?"*[9] Na tentativa de responder essa questão foi criada uma lixeira sonora.

Imagem XVII - The World's Deepest Bin



Fonte: http://www.thefuntheory.com

[8] Trad. Livre: "Como podemos garantir que todos usem o cinto de segurança, fazendo que isso seja divertido"?

[9] Trad. Livre: "Como podemos ter mais pessoas a jogar lixo no lixo, em vez de no chão, fazendo com que seja divertido"?

Ao jogar o lixo na mesma, ela faz barulho de uma coisa que está caindo num buraco sem fim. O local escolhido é movimentado e as pessoas reagem com surpresa ao ouvirem o som. Nesse dia constatou-se um aumento de 41kg coletados nessa lixeira em relação a outras próximas. Mas o que fica para nós como inspiração? Como poderemos pensar em artifícios da convivência urbana sem correr o risco de criarmos modelos de padronização, justamente àquela que estamos tentando chamar atenção? Nossa pista está na poesia de Manoel de Barros. Seguiremos nessa busca perene de desaprender todo dia um pouco, de perder "todos os ranços", assim como as latas:

> Estas latas têm que perder, por primeiro, todos os ranços (e artifícios) da indústria que as produziu. Segundamente, elas têm que adoecer na terra. Adoecer de ferrugem e casca. Finalmente, só depois de trinta e quatro anos elas merecerão ser chão. Esse desmanche em natureza é doloroso e necessário se elas quiserem fazer parte da sociedade dos vermes. Depois desse desmanche em natureza as latas podem até namorar com as borboletas. Isso é muito comum. Diferente de nós as latas com o tempo rejuvenescem, se jogadas na terra. Chegam quase até serem pousadas de caracóis. Elas sabem, as latas, que precisam chegar ao estágio de uma parede suja. Só assim serão procuradas pelos caracóis. Sabem muito bem, estas latas, que precisam da intimidade com lodo obsceno das moscas. Ainda elas precisam de pensar em ter raízes. Para que possam obter estames e pistilos. Afim de que um dia elas possam se oferecer às abelhas. Elas precisam de ser um ensaio de árvore afim de comungar a natureza. O distino das latas podem ser pedra. Elas hão de ser cobertas de limo e musgo. As latas precisam ganhar o prêmio de dar flores. Elas têm de participar dos passarinhos. Eu sempre desejei que as minhas latas tivessem aptidão para passarinhos. Como os rios têm, como as árvores têm. Elas ficam muito orgulhosas quando passam do estágio de chutadas nas ruas para o estado de poesia. Acho esse orgulho das latas muito mais justificável e até louvável (BARROS, 2010b, p. 63).

DEVIR (OU O QUE AINDA NÃO VEIO)

E o desafio foi aceito e posto. Vamos brincar? As grafias menores que surgirão na sequência desses diagnósticos e tensionamentos ainda não constituem parte deste artigo. Mas o intuito nosso foi evidenciar e partilhar o processo investigativo como um todo. De onde saímos e onde desejamos "chegar", aqui escrito entre aspas para enfatizar o fato de que não compreendemos o percurso enunciado como algo que possua um começo-meio-fim, muito menos, que esse processo seja aplicável à toda geografia inquieta.

Os percursos aqui apresentados são nossos gestos políticos de estar e agir no mundo. Tomamos para si inciativas ligadas à arte e a poesia como formas de grafar uma imaginação espacial travestida "com" aquilo que resolvemos combater: o pensamento hegemônico. É importante dizer que nossas escolhas não necessariamente devem ser prescritas como "A" fórmula concreta e correta de se conseguir/atingir "A" rasura, "O" pensamento menor.

Para nós, poesia e arte são a matéria-prima de nossa capacidade de produzir grafias comprometidas com a desterritorialização, o desencaixe, o desaprendizado, a desmedida e muitos outros "des" significantes. O diferencial? Funcionar apenas como estopim, como

fagulha, como ato inaugural, pois o que nos interessa é o devir ou... o que ainda não veio. Finalizamos parafraseando, num tom clariceano, questões com as quais inicamos essa reflexão. Sem pretensão, perguntamos:

1. Para onde foram os autores da vida urbana contemporânea?
- E a resposta é apenas: *autores*.

2. Como evitar a fixação do automatismo e da padronização dos modos de pensar-agir no mundo?
- E a resposta é apenas: *mundo*.

3. Como as intervenções urbanas derivam para outros usos da cidade pelos corpos que nela habitam?
- E a resposta é apenas: *corpos*.

4. Como deixar de ser um "subproduto"?
- E a resposta é apenas: *ser*.

5. Como faremos?
- E a resposta é apenas: *?*.

E que a autoria tome o mundo para si. Faça vibrar o ser enclausurado nos corpos aprisionados pelas muitas geometrias e gramáticas que ditam nossa vida. Ser no mundo, para poder ser. Mas essa é a geografia que queremos? E a resposta apenas é: _____.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares***:* introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad.: Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 2001.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad.: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas***:* as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010a.

_____. Poemas Rupestres. In: **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010b.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Trad.: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Tempos Líquidos**. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Medo Líquido**. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica***:* ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad.: Cecília Prada. São Paulo: Nobel, 2004.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Kafka***:* para uma literatura menor. Trad.: Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GEHL, Jan. **Cities for peoples**. Washington, D.C: Island Press, 2009.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação,** n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. Disponível em:

http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf. Acesso em: 21/10/2012.

_____. **Pedagogia Profana***:* danças, piruetas e mascaradas. Trad.: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Por Amor as Cidades***:* conversação com Jean Lebrun. Trad.: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Trad.: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1993.

MARANDOLA JR, Eduardo e MELLO, Leonardo F. A abordagem do lugar no planejamento urbano. In: **Revista Geografares**, nº 7, p. 63-75, 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço***:* uma nova política da espacialidade. Trad.: Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. A Edição dos Lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens. In: **Revista Educação Temática Digital** – *ETD.* 2010. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/etd/index.php> Acesso em: 21/10/2012.

VATTIMO, Gianni. **A Sociedade Transparente**. Trad.: Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.